

*MARK ALLEN SMITH*  
**O INQUISIDOR**

Tradução de  
MARCELO SCHILD

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO  
2015

## PRÓLOGO

O cliente, sentado em uma sala de setenta metros quadrados, olhava para um grande espelho falso que oferecia a visão de uma escuridão vazia e silenciosa. A gravação de uma gargalhada nervosa, continuamente interrompida por uma tosse seca, saía pelas caixas de som nas paredes, mas o cliente não a ouvia, pois tinha colocado os tampões de ouvido deixados para ele.

Ele olhou para o relógio. Onze e meia da noite. Estava ali havia três horas e bebericava uma segunda dose de uísque. A sala sem janelas era forrada de madeira antiga com um acabamento suave de cinza e com mobílias sofisticadas. Havia uma cadeira Arne Jacobsen e um antigo tapete persa. O bar cromado estava abastecido com caras bebidas destiladas, um *pinot noir* e um Sancerre dentro de um balde suado. Quatro lustres cônicos, de aço escovado, pendiam do teto, e a luz que forneciam era captada por lapidações nos copos cristalinos de uísque e transformada

em desenhos brilhantes em forma de estrelas. Na prateleira inferior do bar, o painel frontal de um gravador de DVD piscava um minúsculo olho vermelho.

O cliente era o chefe de segurança de uma grande fabricante de produtos eletrônicos americana. Ele não ganhava o suficiente para estar familiarizado com tais luxos, mas as pessoas para quem trabalhava, sim, e elas aguardavam seu telefonema. Fora necessária uma semana de pesquisa e contatos para providenciar um encontro em um restaurante em Little Italy com um chefão da máfia, vestido com impecável e extravagante elegância, chamado Carmine Delanotte. O homem o tinha interrogado enquanto tomavam uma garrafa de Barolo e dois espressos duplos, antes de finalmente fornecer o código de acesso à internet e o nome de Geiger, que, contudo, ficou subentendido não ser o seu verdadeiro. O código havia possibilitado o acesso ao site de Geiger, DoYouMrJones.com, e o fato de ter sido referido por Delanotte fez as coisas andarem rápido. Mais cedo, naquela noite, o cliente capturara o alvo — Matthew Gant, um dos caras da área de pesquisa e desenvolvimento da empresa — em uma garagem e, seguindo instruções, levava-o para aquele prédio simpático de dois andares na Ludlow Street.

Quando o cliente e Geiger finalmente se conheceram naquela sala, a primeira coisa que ele reparou foi que o outro quase nunca piscava os olhos. O cliente orgulhava-se da própria frieza, mas o homem o havia deixado desconfortável. O tom sedoso e uniforme de sua voz e sua postura inflexível contribuía para tal efeito. Ele tinha olhos cinzentos elípticos em um rosto fino e anguloso. O

corpo parecia esguio e firme, talvez por praticar corrida ou algum tipo de arte marcial. E havia uma leve inclinação em sua postura, como se seu esqueleto tivesse uma maneira particular de acomodar a gravidade.

Havia algo verdadeiramente estranho nele — no entanto, o que se poderia esperar de um profissional de sua área? O cliente ouvira todo tipo de histórias. Geiger era um louco que cumprira pena pesada; um agente desonesto da Agência Nacional de Segurança; um herdeiro degenerado que não precisava do dinheiro e fazia aquilo pela emoção. O único ponto em comum em todas as histórias era o que dizia que Geiger era inigualável. Quando se cumprimentaram com um aperto de mãos, o cliente falou:

— Dizem que você é o melhor, e nossa esperança é que isso seja verdade. Os projetos que acreditamos que Matthew tenha roubado valem milhões.

Geiger o havia encarado, inexpressivo.

— Não lido com esperança aqui — dissera ele, e partira.

Durante a primeira hora, a sala no outro lado do vidro havia permanecido na escuridão. Os únicos sons eram as explosões de raiva de Matthew, repletas de bravata e indignação. Foi quando a voz sussurrada de Geiger chegou ao cliente através das caixas de som como o chamado de uma alma penada.

— Pare de falar, Matthew. Você não tem mais permissão para falar.

Havia sido o sussurro mais alto que o cliente já ouvira. Em seguida, as luzes foram acesas e, através do espelho falso, o cliente viu Geiger recostado na parede de uma sala austera, vestindo um pulôver preto e calças pretas largas.

A sala era completamente revestida de linóleo branco, e dezenas de lâmpadas de sete centímetros embutidas nas paredes e no teto faziam todas as superfícies reluzirem. Nas paredes norte e sul havia várias pequenas câmeras instaladas trinta centímetros abaixo do teto. Depois de algum tempo, aquela cena começou a pregar peças nos olhos do cliente, os ângulos do cômodo desaparecendo gradualmente até Geiger parecer suspenso no ar, uma silhueta escura, congelada em um quadro luminoso de alabastro.

No centro da sala, Matthew estava sentado em uma antiga cadeira de barbeiro — couro vermelho, cromo reluzente e porcelana. Amarras de malha de metal estavam atadas ao redor de sua cintura, seu peito, seus tornozelos e pulsos, e, quando ele se movia, reflexos brilhantes percorriam as treliças metálicas. Seu rosto estava pálido, com manchas vermelhas nas bochechas. Estava com o torso nu e descalço.

Durante meia hora, Geiger encarou Matthew em silêncio, se deslocando a cada dez minutos até dar uma volta ao redor da sala. Ele mancava de leve, mas, de alguma maneira, havia incorporado a deficiência à mecânica corporal, de modo que não parecia uma enfermidade — para ele, parecia natural. Os olhos atentos de Matthew acompanhavam-no a cada volta pela sala.

Geiger deu um empurrão na cadeira de barbeiro, fazendo-a girar lentamente. Depois, foi embora e as luzes se apagaram outra vez. O sistema de som começou a tocar uma série de vinhetas, cada uma com a duração de poucos minutos. O cliente ouviu um engarrafamento com buzinas e pneus guinchando... uma mulher canta-

rolando desafinadamente... o som de um único acorde em um violão fora do tom... um telefone tocando repetidamente, parando, e voltando a tocar... e, finalmente, a gargalhada nervosa e a tosse. No começo, Matthew tinha gritado “Putá que pariu!”, mas depois havia ficado em silêncio. Na metade da trilha sonora, o cliente recolocou os tampões de ouvido.

As luzes se acenderam de novo quando Geiger voltou a entrar na sala. Com as mãos atrás das costas, ele parou ao lado de Matthew, que o encarava com uma fúria explícita. O cliente removeu os tampões.

— Matthew — disse Geiger —, feche os olhos.

Uma carranca firmou-se no rosto de Matthew, mas ele obedeceu.

— Agora, imagine que tenha caído em um poço vazio. É escuro como o breu lá embaixo. Você não consegue ver nada. O único som é o da sua respiração. Seu corpo dói. Talvez tenha quebrado um tornozelo, ou um pulso.

Geiger permaneceu em silêncio por vários segundos, como que para se assegurar de que Matthew pudesse ouvir a si próprio respirando na escuridão de sua prisão.

— A dor faz um pequeno show de luzes atrás dos seus olhos. Você sente o gosto de sangue na boca. Estica o braço e tateia ao redor. As paredes são frias e úmidas, e lisas também. Nenhuma rachadura ou depressão onde possa segurar. Consegue se ver no fundo desse poço, Matthew?

O cliente sentiu um calafrio na nuca. *Ele* conseguia ver Matthew lá embaixo.

— Você tenta manter a calma. Começa a gritar por socorro. Diz para si mesmo: *Alguém vai me ouvir*. Contudo,

depois de algum tempo, percebe que provavelmente vai morrer lá embaixo. Assim que esse pensamento lhe ocorre, algo dentro de você realmente começa a morrer. Não na carne, mas no espírito. Entende o que digo, Matthew?

— Estou dizendo, cara... Não sei o que você quer!

— Matthew, eu disse que você não tem permissão para falar. Apenas concorde com a cabeça. Lembra-se de eu ter dito isso a você?

Matthew encarou o olhar que não piscava e concordou com a cabeça. As mãos de Geiger saíram de trás das costas com um microfone sem fio e fones de ouvido, que ele colocou com firmeza na cabeça de Matthew.

— Sennheiser 650s — disse. — Prefiro esses aos AKGs. É uma experiência com mais nuances. Feche os olhos, Matthew.

Matthew obedeceu, dando um suspiro errático, os olhos movendo-se nervosamente sob as pálpebras.

Geiger ergueu o microfone e começou a caminhar pela sala enquanto falava baixinho. O cliente achou que ele parecia um daqueles gurus de autoajuda dos canais de televisão aberta, só que com um público de uma única pessoa.

— Consegue me ouvir com clareza? — perguntou Geiger. Matthew concordou balançando a cabeça.

— Certo. Agora, de volta ao poço, Matthew. Está nele?

Matthew engoliu em seco, o pomo de adão subindo e descendo. Ele concordou de novo.

— Ótimo. — A palavra soou para o cliente como uma prece delicada. — É importante que acredite que esteja no fundo do poço, Matthew, porque esse não é um jogo mental. Você está lá embaixo, e eu sou sua única saída.

Sou a corda que pode ser jogada até você e as mãos que podem puxá-lo para o alto. — Ele colocou delicadamente uma das mãos no ombro de Matthew, que retesou o corpo. — E a única coisa que faz a corda ser jogada até o fundo do poço é a verdade.

O cliente inclinou-se mais para perto do vidro.

— É uma coisa linda... a verdade. A única criação perfeita do homem. E eu a reconheço quando a ouço. Não é que eu seja particularmente intuitivo ou perceptivo, mas já ouvi tantas mentiras que percebo quando a verdade é dita.

Geiger inclinou-se até a altura do rosto de Matthew e o cliente conseguiu ver as articulações da mandíbula do homem ressaltadas pela ansiedade.

— Toscanini dizia que era capaz de perceber se a corda de um violino, no meio de uma orquestra, estava desafinada. Ele não tinha ouvido absoluto, mas ouvira tantos milhões de notas que conseguia detectar na mesma hora o que era verdade e o que não era. — Geiger respirou fundo. — Portanto, Matthew... Não minta para mim.

As narinas do homem dilataram-se como as de um potro ao sentir cheiro de fumaça. Geiger inclinou o corpo e aproximou-se ainda mais dele, até que somente o microfone estivesse entre os lábios de ambos.

— Ouviu o que eu disse? *Não minta para mim!*

O ataque auditivo, através dos fones de ouvido, fez a cabeça de Matthew recuar com tanta força que o cliente pensou que o pescoço dele fosse quebrar. Seus olhos se abriram instantaneamente, a boca distendeu-se em um círculo cavernoso e seu uivo durou uns bons cinco segundos antes de se transformar num gemido abafado.

Geiger virou a cabeça para o lado e o cliente ouviu o estalar das vértebras cervicais dele. Depois, virou-a para o outro lado. Outro estalo. O cliente tentou interpretar a expressão de Geiger, mas não conseguiu discernir nenhuma emoção.

— Matthew — disse Geiger —, preciso que mantenha os olhos fechados, que pare de gemer e preste atenção. Concorde balançando a cabeça se conseguir.

O gemido de Matthew ficou preso na garganta. Sua cabeça se ergueu e abaixou numa resposta débil, mecânica, e seus olhos se fecharam.

— Existem diversas formas de provocar dor para situações específicas... Em primeiro lugar dores físicas, psicológicas e emocionais. Dentro dessas categorias existem muitas subcategorias. No âmbito físico, há a audição...

Ele bateu levemente no microfone com os nós dos dedos e a cabeça de Matthew sofreu um espasmo, os olhos abrindo prontamente outra vez.

— *Olhos fechados!*

Matthew uivou, e Geiger colocou delicadamente a ponta de um dedo sobre cada uma das pálpebras trêmulas do homem e as fechou. Depois, colocou um polegar em um ponto cinco centímetros à esquerda do esterno dele.

— Há também a pressão...

O polegar enrijeceu e, praticamente sem nenhum indício de esforço, Geiger o pressionou e Matthew soltou um urro rouco, o rosto contorcido em uma careta que revelava os dentes. O cliente observou, impressionado, enquanto apalpava, com curiosidade, as próprias costelas.

— Há a força bruta...

Geiger ergueu o braço, o cotovelo dobrado num ângulo de noventa graus. O antebraço balançou como uma alavanca de mola e atingiu em cheio o peito de Matthew, deixando-o sem ar, arfante, desesperado para sugar o ar para dentro dos pulmões.

— E há a penetração, a laceração da carne...

Geiger fez uma pausa.

— Mas isso é arcaico demais para mim — prosseguiu.  
— No entanto...

A mão dele moveu-se até atrás da orelha e puxou algo que saiu deslizando. Era brilhante e prateado, dez centímetros de comprimento, imensuravelmente fino.

— Abra os olhos.

As pálpebras de Matthew se abriram. Seus olhos castanhos estavam marcados por linhas vermelhas.

— Sabe o que é isso?

Matthew semicerrou os olhos diante do objeto posicionado entre o polegar e o indicador de Geiger e balançou a cabeça em negativa. O cliente assentiu. Certa vez ele havia deslocado um disco na coluna e tentado tudo em busca de algum alívio. Ele sabia o que era.

— Isso é uma agulha de acupuntura. Sua função principal é bloquear impulsos que o cérebro identifica como dor impedindo-os de viajar pelas vias neurais. Mas também pode criar dor. — A agulha reluziu nas pontas dos dedos de Geiger como a espada minúscula de um herói de brinquedo. — Existem certas ironias em meu ofício impossíveis de não se perceber.

A observação foi dita sem qualquer traço de humor ou ameaça, e a ausência de ambos fez os pelos da nuca

do cliente se arrepiarem. A mão livre de Geiger agarrou Matthew pelos cabelos. Um ganido curto escapou do homem — não uma reação à dor, e sim uma resposta involuntária de reconhecimento do que estava por vir — e Geiger inseriu habilidosamente a agulha entre as vértebras do pescoço de Matthew, que não recuou, e em nenhum momento desviou seu olhar do rosto implacável de Geiger.

— O fato é que o ser humano é uma estrutura notavelmente vulnerável. Essa agulha é mais leve do que a pena de um pardal, Matthew. A lágrima de uma criança equilibrada na ponta seria capaz de envergá-la.

Geiger mexeu um pouco a agulha, provocando uma série de gritos estridentes. Depois, removeu-a e os berros cessaram. Lágrimas rolavam pelas bochechas de Matthew, sua respiração estava acelerada, o ar entrava e saía em arfadas curtas.

— Há também a manipulação de articulações, a aplicação de calor e frio intensos, ingestão forçada de líquidos. A verdade, Matthew, é que eu poderia trabalhar em você durante vários dias sem repetir um processo.

Geiger removeu os fones de ouvido da cabeça de Matthew e colocou-os, com o microfone, no chão.

— Quanto à dor psicológica, creio que sua sensibilidade a estímulos físicos torne desnecessária a exploração de tal área. Quanto à dor emocional... Segundo seu arquivo, você é solteiro, sem ligações amorosas, filho único sem pais vivos, de modo que não vejo nenhum benefício em trilhar tal caminho. Você pode não acreditar, Matthew, mas é um cara de sorte.

O cliente queria que Geiger espancasse Matthew para que ele confessasse e terminasse logo com aquilo. Depois, ele poderia dar seus telefonemas e ir para casa, mas quando conhecera Geiger, havia percebido que não seria assim.

— Não vou te perguntar agora, Matthew, porque posso ver que ainda não está pronto para dizer a verdade, e não quero fazer com que minta.

— Pergunte o que diabos quiser. Eu... eu não posso dizer o que não sei, merda.

— Isso é verdade — disse Geiger. — Irrelevante, mas verdade.

Um pensamento deu um nó no estômago do cliente. Poderia Matthew estar dizendo a verdade? Seria possível que outra pessoa tivesse roubado os projetos de pesquisa e desenvolvimento da empresa? Tudo apontava para Matthew, mas...

— O poço, Matthew — disse Geiger. — Você está no fundo do poço, então feche os olhos.

As mãos de Geiger moveram-se para os lados do corpo, os dedos tamborilando o nada. Ao observá-lo, o cliente se perguntou se haveria um padrão; parecia que ele tocava piano no ar.

— Certo. Você está aí embaixo há algum tempo, e a mente é afetada quando o corpo não pode se mover por longos períodos. A escuridão e a claustrofobia afetam a percepção, a noção do tempo e de si mesmo. Isso tudo cria um ambiente no qual as fronteiras emocionais se tornam vagas. A dor fica em segundo plano em relação ao medo. A esperança se extingue, o desespero torna-se um com-

panheiro. Quando isso acontece, você começa a ver quem realmente é... As profundezas e os limites de sua força.

Geiger ajoelhou-se diante dele.

— Então você muda, Matthew, sofre uma reestruturação até o nível molecular. É o melhor jeito de despertar para a realidade.

Geiger fechou os olhos e massageou-os com o polegar e o dedo médio. Eram movimentos calculados, precisos.

— Vamos fazer uma pequena pausa agora. Você vai permanecer no poço. — Ele retirou uma venda preta de seda do bolso e amarrou-a no rosto de Matthew. — Mais uma coisa, Matthew. Aprendi que diante da experiência de certos tipos de dor, a expectativa de mais dor é quase tão poderosa quanto a própria sensação. Creio que, no devido tempo, você vai concordar comigo.

Geiger sumiu de vista e as luzes se apagaram novamente. Alguns segundos se passaram e então a porta da sala de observação se abriu e ele entrou. Sem olhar para o cliente, foi até o bar, serviu-se de um copo d'água e começou a beber.

— Estou um pouco preocupado — disse o cliente. — Temos o homem certo?

Geiger assentiu com a cabeça.

— Tem certeza?

O aceno outra vez.

— Como sabe?

— Expliquei isso a Matthew. — Ele pousou o copo vazio. — Você estava ouvindo, não estava?

— Sim... Toscanini. Mas por que Matthew ainda não confessou?

— Ele ainda não atingiu o ponto de liberação. Mas vai chegar lá em breve.

— Ponto de liberação?

Geiger concordou mais uma vez, mas parecia não querer ter de fazer aquilo de novo.

— Matthew ainda está com mais medo do que possa acontecer caso confesse do que com o que vai acontecer se não confessar. Por enquanto, a realidade da tortura é preferível à possibilidade da morte. Mas isso vai mudar.

O cliente perguntou-se como seria o rosto de Geiger quando sorria, se é que alguma vez o fizesse.

— Não vamos matá-lo — disse o cliente. — Precisamos apenas saber para quem ele vendeu os dados.

O homem encarou-o com aqueles olhos que nunca piscavam.

— Mas ele não sabe disso.

Geiger deixou a sala. O cliente suspirou e olhou de novo para o espelho e para o abismo negro. As caixas de som transmitiram, como trêmulas asas de anjos, a voz suave de Geiger.

— Matthew, está no poço? Você pode responder.

A voz de Matthew soou como lixa sobre madeira áspera.

— Sim. Estou.

— Ótimo.

Então Matthew começou a gritar. O som foi tão alto que saiu distorcido das caixas. Os anjos dissiparam-se. O cliente deu meia-volta e pegou os tampões de ouvido.

# PARTE UM

# 1

Às quatro da manhã, parado à porta na varanda dos fundos, Geiger observava uma aranha tecer sua teia.

Chovia. O céu, cinza claro e nublado, parecia amarrotado no horizonte como uma colcha velha. Uma gota d'água pendia em um fio de uma nova teia que se estendia do beiral sobre a varanda até a balaustrada de madeira, pouco mais de um metro abaixo. A brisa tocava o fio como a corda de um violão; a gota oscilou, mas se manteve firme. Em seguida, a aranha desceu, o corpo volumoso balançando, e começou a tecer outro fio.

Mais cedo, Geiger estivera digitando suas anotações sobre a sessão com Matthew. Enquanto *Sgt. Pepper* chegava a ele através das Hyperions de dois metros, Geiger sentia a esplêndida resposta de graves, alcançando até o estalido da palheta da McCartney nas cordas do baixo. O gato, como de costume, estava deitado na mesa, estendido na extremidade direita do teclado e, quando passava mais do que alguns minutos sem ser acariciado, levantava uma das patas dianteiras para dar tapinhas na mão do homem.

Seu ronronar ficava mais alto quando era acariciado na cicatriz acima do olho esquerdo que perdera. Geiger não conhecia as circunstâncias do ferimento; o animal já estava assim quando apareceu na varanda dos fundos, três anos antes. Tampouco sabia o nome do animal ou de onde ele vinha — o que significa que os dois eram, de certa forma, parecidos.

Geiger sempre fazia anotações na mesma noite de uma sessão, enquanto as ações e reações estavam frescas na mente. Descobriu que até umas poucas horas de sono eram capazes de borrar os limites da memória. No dia seguinte, seu parceiro, Harry, enviaria a transcrição do vídeo da sessão, à qual Geiger iria assistir, inserindo comentários em pontos relevantes.

Trabalhava sentado em uma cadeira de escritório ergonômica, produzida especialmente para ele. Mesmo assim, precisava se levantar a cada quinze minutos ou a perna esquerda começava a formigar toda até os dedos dos pés. Ao longo dos anos, havia consultado três especialistas a respeito do problema — um deles classificara-o como “pé morto” —, mas todos afirmaram a mesma coisa: a única saída era uma cirurgia reconstrutiva. Geiger respondera que ninguém chegaria perto dele com nenhum tipo de lâmina, por nenhum motivo. Logo depois de o examinar, os médicos compreendiam por que se sentia assim em relação ao assunto.

Ele seguiu até a varanda dos fundos para se livrar da dormência e fumar um cigarro. Não fumava dentro de casa. Descobriu que o cheiro de fumaça acumulada afetava sua concentração. Meses atrás, quando ainda era

um novato no divã, o Dr. Corley rastreara tal reação até o pai de Geiger e seus infinitos Camels. Até então, aquela havia sido a única imagem do pai que Corley conseguira extrair dele — em um sonho, Geiger tinha visto o rosto pétreo do pai olhando para ele do alto, com um cigarro preso entre os lábios carnudos, a fumaça saindo de suas narinas em espirais. Geiger recordara-se de ter pensado: *Essa é a aparência de Deus. Só que mais alto.*

Ele sentiu o gato, que acabara de passar pela porta, esfregar-se em seus tornozelos. Pegou o animal no colo e pendurou o corpo felpudo sobre o ombro. Além do cantinho confortável na escrivaninha, aquele era o lugar preferido do animal.

Geiger acendeu um Lucky Strike e observou a aranha. Cheia de determinação, ela desempenhava sua tarefa singular com inúmeras repetições perfeitas. Imagine um carpinteiro capaz de cuspir pregos produzidos nos intestinos e de usar as mãos como martelos. Imagine um músico cujo instrumento fosse o próprio corpo. Ele se perguntou se haveria outro ser tão diligente e artístico na criação de um aparato para matar — além do homem.

Geiger era um apóstolo, um escravo das particularidades. Estava constantemente desmembrando, destilando e definindo partes do todo, porque na OI — obtenção de informações — os detalhes eram cruciais. Seu objetivo era aperfeiçoar o processo até transformá-lo em arte, o que explicava por que cada coisa que acontecia a partir do momento em que ele entrava na sala tinha o próprio grau

de significância e exigia reconhecimento. Cada expressão facial; cada palavra dita e momento de silêncio; cada tique, olhar e movimento. Dê a ele quinze minutos na sala com um Jones qualquer e, nove em cada dez vezes, ele saberá qual será a reação a uma ação específica antes que a pessoa a execute: medo, confronto, desespero, arrogância, negação. Havia padrões, ciclos, refrões comportamentais. Bastava prestar muita atenção para ver todos eles. Geiger aprendera isso ouvindo música; passara a compreender como cada nota desempenha um papel no todo, como cada som afeta e complementa o restante. Era capaz de cantarolar cada nota em mil composições musicais. Estavam todas em sua cabeça. Na música, como na OI, tudo importava.

Ainda assim, mesmo com os incontáveis fatores que poderiam entrar em jogo, a visão de Geiger sobre o seu trabalho era relativamente simples. O cliente e o Jones quase sempre o apresentavam um dentre três cenários:

*Nº 1: Roubo.* O Jones roubara algo do cliente, que queria de volta o que foi roubado.

*Nº 2: Traição.* O Jones cometera um ato de deslealdade ou traição e o cliente desejava descobrir as identidades de quaisquer cúmplices e a extensão dos potenciais desdobramentos.

*Nº 3: Necessidade.* O Jones possuía informações ou conhecimentos que o cliente desejava obter.

Todos os seres humanos são diferentes, mas em um número limitado de formas. As transcrições de Geiger provavam isso repetidamente. Desde que iniciara tal trabalho, ele preencheria vinte e seis fichários pretos de dez centímetros, que agora repousavam alinhados sobre a

escrivaninha. Era capaz de cruzar referências nos dados de acordo com a profissão, idade, religião, posses e — o mais importante — as alegações. Os fichários eram uma enciclopédia sobre respostas e reações a intimidações, ameaças, medo e dor. Mas as páginas não continham nenhum dado relativo a morte. Nunca ocorrera a Geiger de um Jones morrer durante uma sessão — nenhuma vez em onze anos. Como diria Carmine, ele beirava a perfeição.

Seus clientes vinham do setor privado, do mundo corporativo, do crime organizado, do governo. Há quatro anos, chegara a trabalhar durante um tempo em uma prisão secreta para espões da CIA. Eles acreditavam que os próprios métodos eram avançados, mas Geiger vira imediatamente que estavam desatualizados; eram homens que arrancavam asas de moscas enquanto falavam sobre salvar o mundo. No ramo da OI, não havia substituto para a habilidade. Patriotismo, religião, crença ferrenha no certo e errado eram coisas que deveriam ser deixadas de lado. No fim, havia mentiras e a verdade, e o espaço entre ambas poderia ser tão tênue que não havia lugar para integridade e convicção. Os agentes na base secreta ficavam nas sombras, observando-o enquanto trabalhava; para Geiger, pareciam homens das cavernas vendo-o acender uma fogueira com um Zippo.

Ele era um estudante da arte e historiador. Assim como os fichários pretos continham o conjunto do próprio trabalho, ele era um compêndio vivo do ofício: suas origens, bases lógicas, metodologias e evolução. Sabia que o homem utilizava a tortura sem culpa pelo menos desde 1252, quando o papa Inocêncio IV autorizou seu uso para lidar com os

hereges. Desde essa sanção oficial, tempo e esforços incalculáveis foram investidos na criação e no aperfeiçoamento de métodos para infligir dor, na busca do que um indivíduo ou um grupo considerava informações indispensáveis ou a verdade. A prática não possuía qualquer viés cultural, geográfico ou étnico. A história mostrava que, se houvesse ferramentas rudimentares disponíveis — martelos, serras, grosas — e materiais básicos — madeira, ferro, corda, fogo —, pouco mais era necessário. E, com algum conhecimento simples de física e engenharia, você estava no negócio.

Geiger iniciara a própria formação estudando os instintos e as escolhas fundamentais dos pioneiros. Certos métodos e técnicas eram especialmente eficientes, incluindo:

*Objetos afiados.* A Cadeira de Judas provou ser tão eficiente durante a Inquisição que a maioria dos países europeus começara a customizar versões próprias. *Culla di Giuda, Judaswiede*; não importava o nome, era um assento piramidal sobre o qual o Jones, sustentado por cordas, era empoleirado.

*Aprisionamento e pressão.* A Dama de Ferro, um sarcófago vertical que continha estacas de ferro afixadas em seu interior e aberturas para a inserção de vários objetos afiados ou pontiagudos durante um interrogatório. Também era, até certo ponto, uma ancestral do processo de privação sensorial. Equipamentos como o *buskin*, a Bota Espanhola e a Bota Malaia recorriam à compressão e a violentas pancadas para quebrar pés; os anjinhos eram limitados a dedos, separadamente, mas um interrogador que os carregasse consigo era capaz de transformar qualquer lugar em uma câmara de tortura.

*Algemas e esticadores.* A roda foi um avanço tecnológico, empregando cilindros giratórios, engrenagens e alavancas, e viabilizando a capacidade de aumentar ou reduzir rapidamente a dor física em pouquíssimo tempo.

O afogamento simulado foi outra criação dos interrogadores da Inquisição. Eles compreenderam que, ainda que submergir um Jones na água pudesse ser eficaz com o passar do tempo, o afogamento simulado disparava o reflexo de engasgo quase instantaneamente, aumentando o medo da morte.

Calor intenso sempre havia sido um elemento básico do ofício para o torturador, daí a expressão “andar em brasas”, assim como a dilaceração e o esfolamento da carne. Também havia uma série de ferramentas úteis, das simples (como alicates para arrancar unhas) às complexas (como a Pera, uma ferramenta dobrável de aço, e muitas vezes requintadamente entalhada, que era inserida na vagina ou no ânus e lentamente expandida com a ajuda de uma manivela presa a um parafuso). O catálogo de ferramentas era extenso: a Roda, a Pata do Gato, o Esmagador de Cabeças, o Tubo do Crocodilo, o *Picquet*, o *Strappado*. Todas essas e outras foram inventadas antes da Revolução Industrial, e Geiger passara a entender que a prática de tortura não era uma aberração. Por conveniência e pela busca de informação, o homem sempre esteve disposto a passar por cima de suas próprias leis e trair suas crenças para legitimar a tortura daqueles que não as compartilhavam.

Depois de muito estudo e reflexão, Geiger desenvolvera um procedimento operacional padrão. Trabalhava somente através de referências. Se uma empresa ou indivíduo ne-

cessitasse de seus serviços, era levado a seu site e recebia a senha. Harry, seu sócio, avaliava imediatamente a solicitação; se não visse nenhum impedimento, pedia ao cliente em potencial que enviasse algumas informações preliminares sobre o Jones. Depois, começava a investigar e, dentro de dois dias, elaborava um perfil detalhado. Harry era um homem irritadiço, mas não havia ninguém melhor no que fazia. Ele era capaz de descobrir coisas que ninguém sabia sobre um Jones, nem o cônjuge, o melhor amigo, o governo, nem mesmo o próprio. Depois de ler o dossiê, Geiger informava ao sócio se o trabalho seria aceito.

Ele tinha três regras. Não trabalhava com crianças, apesar de Harry jamais ter recebido tal solicitação. Não trabalhava com pessoas que tivessem sofrido problemas coronários no passado. E não trabalhava com pessoas com mais de 72 anos — Geiger havia analisado estudos que demonstravam que o risco de infartos do miocárdio e AVCs aumentavam para níveis inaceitáveis depois dessa idade.

Porém, havia uma área proibida: “o mais rápido possível”. A compreensão de Geiger para “tudo importa” era que “um Jones não é a soma perfeita de suas partes”. Portanto, se um cliente desejasse um “mais rápido possível” — um trabalho feito às pressas —, Geiger costumava recusar. Havia elementos demais a serem assimilados: linguagem corporal, reação verbal, tom de voz, expressões faciais, um fluxo constante de informações que moldavam suas escolhas e decisões. Um erro de cálculo ou uma conclusão incorreta, não importando se fosse pequena, poderia arruinar uma sessão ou até abrir um buraco em seu universo particular. Era por isso que ele preferia trabalhar de dentro para fora

e seguir um plano de jogo baseado na pesquisa de Harry. Alguns profissionais, como Dalton, trabalhavam de fora para dentro e recorriam a uma aplicação mais direta e firme de brutalidade. Mas com tal abordagem, o cliente nem sempre podia ter certeza das condições em que o Jones se encontraria quando a sessão terminasse — apesar de que, em alguns casos, aquilo não era um problema.

Geiger, como todos no ramo de OI, ouvira diversas histórias sobre Dalton. A mais famosa datava da Tempestade do Deserto, quando policiais kuwaitianos capturaram um dos capangas de Saddam cruzando sorrateiramente a fronteira. Trabalharam no iraquiano durante uma semana e não conseguiram nada, então chamaram Dalton e lhe deram carta branca. Aquele tipo de sessão era chamado de “limpro”, uma abreviação de “libertação improvável”, o que significava que provavelmente seria imprudente permitir que o mundo voltasse a ver o Jones depois que o interrogatório fosse concluído. Assim que foi feita a primeira pergunta, o iraquiano sorriu e Dalton decepou um de seus lábios com um estilete circular. Depois, começou a trabalhar com uma pistola de pregos pneumática — e o Jones revelou ao interrogador o que ele queria saber. A história pode ser apócrifa, mas fez a carreira de Dalton. No ramo da OI, não fazia mal ter tal reputação — a de que seria capaz de qualquer coisa — porque a maioria dos clientes via o Jones como o inimigo e, na verdade, queria mais do que uma compensação ou esclarecimento. Eles queriam que fossem punidos com muita dor.

Para Geiger, política, negócios e religião eram os três dedos remanescentes de um punho ferido em batalha.

No entanto, a verdade era uma arma que até uma mão deficiente ainda conseguia agarrar e brandir. Era uma *commodity* notavelmente versátil; podia ser negociada, ajudar a servir a algum propósito ou gerar lucro. Mas era um elemento instável com meia-vida curta, de modo que deveria ser utilizada logo, antes que explodisse na cara do cliente. Desde cedo, Geiger aprendera que a verdade deixara de ser sagrada — era apenas o item mais visado no mercado, e qualquer um no ramo de OI que acreditasse que atuava dentro dos parâmetros de algum código virtuoso estava, no mínimo, se iludindo.

O gato saltou do ombro de Geiger para a balaustrada da varanda e partiu em sua caminhada noturna. Sem dúvida estaria de volta lá pelas cinco da manhã; o relógio biológico da criatura era perfeito.

A aranha concluía o trabalho noturno. Uma mariposa grande e com listras já estava presa bem no centro da teia, debatendo-se furiosamente, sem saber que quanto mais tentava se livrar, mais apertados ficavam seus grillhões. Movendo-se sem pressa, a aranha desceu da quina superior direita da teia. Não demonstrava qualquer senso de urgência, como se os fins fossem secundários aos meios, e a refeição meramente um subproduto da arte que a capturara.

Geiger acendeu outro Lucky e, quando a aranha alcançou seu prêmio, ele aproximou a chama do isqueiro de um fio da teia. Ela, a mariposa e a aranha desapareceram em uma labareda.

Ele decidiu não pensar sobre sua ação naquele instante, e entrou de novo na casa. Falaria sobre ela amanhã, com Corley.